

HERMANN HESSE NOS CADERNOS CULTURAIS D'O ESTADO DE S. PAULO¹**João Paulo Francisco de SOUZA**

Resumo: A partir de investigação realizada no Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa (CEDAP), da UNESP, câmpus de Assis, viemos expor por meio deste artigo uma parte dos resultados obtidos na pesquisa de mestrado, intitulada “A Recepção Crítica de Hermann Hesse no Brasil”, que tem como objetivo fazer um levantamento de fontes primárias e refletir a respeito da fortuna crítica de Hesse no Brasil, com vistas a marcar seu horizonte de expectativas nos diferentes momentos de sua receptividade, além de fornecer alguns indícios para tentarmos compreender a grande afinidade e acolhida do escritor pelos leitores brasileiros e os motivos deste prestígio. Para tanto, neste artigo expomos a repercussão de Hesse no cenário da literatura e vida social no contexto de sua recepção no Brasil, por meio dos cadernos “Suplemento Literário” (1956-1974), “Suplemento Cultural” (1976-1980) e “Cultura” (1980-1991) d’*O Estado de S. Paulo*, pontuando a título ilustrativo essa investigação que vem sendo *desenvolvida*.

Palavras-chave: Suplemento Literário - Hermann Hesse - Recepção Crítica.

Abstract: Based on a research at the *Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa (CEDAP)*, at *UNESP-Assis*, this paper presents part of the results of the Master's study “The critical Reception by Hermann Hesse in Brazil”, which main objective is to research and discuss the critical fortune of Hesse's literature from a Brazilian criticism in order to set its horizon of expectation in different moments of its acceptance, and supply information to help us understand the author's great proximity and choice for Brazilian readers, as well as the reasons for this preference. In this way, we present Hesse's repercussion in literature and in society regarding its receptivity in Brazil, through the journals “Suplemento Literário” (1956-1974), “Suplemento Cultural” (1976-1980) and “Cultura” (1980-1991) in *O Estado de S. Paulo*, by showing the research under development.

Keyword: Literary Supplement - Hermann Hesse - Critical Reception.

Hermann Hesse (*1877 +1962), poeta, contista e romancista, faz parte de uma corrente inovadora que impulsiona a literatura alemã a partir do final do século XIX, e que, já no novo século, assumiu contornos do que hoje chamamos expressionismo. Segundo Boesch² (1967)

esta tendência busca projetar a imagem do homem moderno total proveniente de traços existenciais profundos do ser humano.

Nas obras literárias produzidas sob a influência dessa vertente da literatura alemã, ainda segundo Boesch (1967), "o mundo em torno foi pesquisado e revelado sob ângulos novos (...); o cosmo e paisagem terrena, assim como a história, mereceram novas apreciações e os caminhos pareciam abrir-se para o campo das experiências psíquicas", sempre contextualizadas pelos problemas políticos e sociais emergentes.

Nascido em Calw, uma cidadezinha da Alemanha, cercado de uma natureza inspiradora, Hermann Hesse começou a escrever alguns poemas e, então, essa paisagem passaria por várias cenas de sua enorme produção literária. A influência do pai e do avô, que foram missionários na Índia, introduziu no jovem artista a cultura oriental. Esse contato desencadearia o ideal jogo de opostos ocidente-oriental presente nas suas obras, deixando marcas de uma visão de mundo dinâmica e integral.

Desse modo, o tema que percorre toda a obra e a vida de Hesse é a autêntica vocação que o homem tem de chegar à consciência de si mesmo. Essa é a mensagem de Hesse a uma juventude que atravessou duras provas, principalmente os conflitos da própria existência humana.

A conturbada vida desse grande escritor foi marcada por intensos confrontos existenciais, que se refletiam em seus relacionamentos sociais. Esse fator marcou seu estilo literário levado pelo rompimento com qualquer forma de papel cultural coletivo e o envolvimento com seus próprios mitos. Assim, encontrou ressonância em seus leitores, que interagiram com suas idéias e seu caminho solitário. Nesta jornada em que o escritor, desde a infância, opõe-se contra a casa paterna tendo uma vida acometida por várias fugas e conflitos, mostra-se um ferrenho crítico da ordem burguesa, das atrocidades das guerras e da visão parcial que o homem tem de si mesmo e dos seres com os quais convive.

A sabedoria oriental confortava-o nestes momentos de profundas reflexões que, às vezes, o levava à crises existenciais profundas, levando-o mais tarde ao conhecimento de abordagens psicológicas, exploradas no seu romance *Demian* (1919).

Em outras obras como *Sidarta* (1922), é abordada sua familiaridade com a Índia e o povo hinduísta, além da doutrina budista e as implicações do homem com sua espiritualidade. Em *O Lobo da Estepe* (1927), utiliza o tema da alienação do artista explorando diretamente as experiências do herói dentro do mundo hostil, sendo a vida urbana retratada como símbolo da desintegração cultural e psicológica do homem, a revolta substituindo aqui a fuga, antes revelada. Mais maduro, escreve *O Jogo das Contas de Vidro* (1943), obra que queria englobar toda a história do espírito da humanidade, continuando a fazer aprofundados estudos complexos, valendo-se também de seu conhecimento sobre música, arte e educação. Segundo Martini³ (1974), essa obra que, fecha um círculo que engloba o romance formativo de tipo

goethiano e o mistério oriental, é simultaneamente crítica e profecia a uma época, só podendo ser compreendido na perspectiva conjunta da obra hesseana.

A importância mundial da obra de Hermann Hesse vem sendo evidenciada pelo grande número de traduções, publicações e venda no mercado livreiro. Seus livros já foram traduzidos para mais de 60 idiomas e, segundo estimativas da editora Suhrkamp, mais de 100 milhões de exemplares da obra de Hesse já foram publicados em edições autorizadas, ao que se soma um considerável número de publicações piratas. No Brasil, o sucesso do escritor não é diferente, até hoje já vendeu mais de quinhentos mil livros, com dezenas de títulos lançados no mercado, segundo dados do jornal *O Estado de São Paulo* (01 jul 2002). Encontra, assim, cada vez nova ressonância entre o público, principalmente o mais jovem.

O primeiro contato do leitor brasileiro com Hermann Hesse ocorreu a partir da primeira edição brasileira de *O Lobo da Estepe* (1930), traduzido por Augusto de Souza e publicado pela Editora Cultura Brasileira. No entanto, a temática do conjunto da obra, de caráter existencialista e metafísico abordada em consonância com fatores políticos, somente encontrou boa receptividade nos anos 60/70 - dada à semelhança com a realidade vivida pelo leitor desse período.

Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo*, de 30 de março de 1980, “A popularidade de Hermann Hesse na Alemanha ressurgiu quando lhe foi outorgado o Prêmio Nobel em 1946, e manteve-se até meados dos anos 50”.

O próximo momento de prestígio de sua obra se dá em 1962. Com a morte de Hesse, a importância de sua obra aumenta, pois nos agitados anos 60 e 70, a civilização ocidental seria questionada por meio do confronto com as tradições orientais. Nesses anos de grande efervescência nos setores sócio-políticos mundiais, surgia um movimento contestador da tradição judaico-cristã ocidental, orientado por novos valores inspirados na filosofia oriental. A esse movimento deu-se o nome de contracultura.

Os pressupostos da contracultura viriam a acentuar ainda mais o sucesso de Hesse, como se pôde perceber pelo aumento notório das edições e traduções neste período, segundo dados da Editora Suhrkamp, a editora alemã que mantém reservados os direitos sobre suas publicações. Hesse mostra-se um escritor sempre obstinado na defesa da liberdade. Suas obras apresentavam-se extremamente adequadas à mentalidade daqueles tempos, quando uma parcela da humanidade, descrente dos princípios éticos e das conseqüências funestas das doutrinas econômicas e imperialistas do mundo ocidental, se volta para os valores fundamentais da cultura e da civilização.

Nesse momento de euforia da contracultura, comemorava-se o centenário de nascimento (1977) de Hermann Hesse, o que contribuiu significativamente para uma reavaliação de sua obra e também para um aumento de sua receptividade, revelando novos traços e críticas a seu respeito.

Hermann Hesse diluiu as especificidades culturais, expandindo um ideal de transformação da consciência individual pelo autoconhecimento e uma ética global, porta-voz da tolerância e do respeito por outras culturas. A formação dessa nova consciência era inspirada de modo especial na espiritualidade contestadora, embora pacifista, de Ghandi. Os livros de Hesse constituíam uma ponte entre esse espiritualismo oriental e a sociedade ocidental que desejavam transformar.

A partir de investigação realizada no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da UNESP, câmpus de Assis, viemos expor por meio deste artigo uma parte dos resultados obtidos na pesquisa de mestrado intitulada “A Recepção Crítica de Hermann Hesse no Brasil”, que tem como objetivo fazer um levantamento de fontes primárias e refletir a respeito da fortuna crítica de Hesse no Brasil, com vistas a marcar o horizonte de expectativas desta crítica nestes diferentes momentos de sua história e sua receptividade, além de fornecer alguns indícios para tentarmos compreender a grande afinidade e acolhida do escritor pelos leitores brasileiros, bem como os motivos deste prestígio.

Nesse sentido, a importância de sua repercussão no cenário da literatura e vida social no contexto de sua recepção no Brasil, por meio dos *Suplementos Literário* (1956-1974), *Cultural* (1976-1980) e *Cultura* (1980-1991) d’*O Estado de S. Paulo* fica logo evidenciada por alguns resultados a serem logo apresentados, a título ilustrativo e não propriamente analítico, a respeito dessa investigação que vem sendo desenvolvida.

Os periódicos tomados como fonte do *corpus* da pesquisa estão diretamente em consonância com os momentos de maior receptividade da obra hesseana no cenário cultural paulista, ou seja, de 1956 a 1991. Esse material encontra-se disponível no acervo do CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa), importante espaço de suporte à pesquisa, onde grande parte desta investigação de mestrado vem sendo desenvolvida. Aqui, observamos o valor do resgate e preservação de nossa memória crítica e literária, que quiçá poderá abrir espaço para novas pesquisas, pretendendo endossar as fontes de consulta e facilitar o estudo sobre o autor e a crítica em questão.

Para demarcarmos o caminho de Hermann Hesse, bem como de sua recepção no Brasil, foi realizado um levantamento em todo o extenso período da produção crítica destes cadernos culturais d’ *O Estado de São Paulo*, um jornal de suma relevância no processo histórico do jornalismo brasileiro, pela tradição crítica e formativa, que passou por momentos de grandes transformações, alternâncias de editores e colaboradores, desde seus propósitos iniciais. De 6 de outubro de 1956 a 17 dezembro de 1966, o caderno *Suplemento Literário* foi editado por Décio de Almeida Prado e a partir desse período até 22 dezembro de 1974, seguiu com o editor Nilo Scalzo, que editou também o caderno *Suplemento Cultural*, de 17 de outubro de 1976 a 1º de junho de 1980 e participou, juntamente com outros colaboradores, no caderno

Cultura, de 15 de junho de 1980 a 31 de agosto de 1991. A importância desses cadernos, dentro deste jornal, formador de opinião, seria capaz de influenciar seu grande público leitor.

Considerando que o momento de grande repercussão da obra de Hesse se deu no período acima citado, como vimos anteriormente, a consulta deste material seleciona os artigos e notas que constituem parte significativa da recepção crítica do autor, demonstrando seu constante interesse pela crítica brasileira. Para essa finalidade foi realizado um levantamento em dois períodos marcantes da sua recepção, considerando algumas datas antecedentes e sucessoras dessa ocasião, sendo eles o movimento de contracultura, que data do início da década de 60 até meados de 1970; e o centenário de nascimento de Hesse em 1977.

Desse modo, pretendemos apresentar a repercussão do escritor alemão junto à crítica brasileira daquele momento, no *Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*, o mais analítico e reflexivo, que seria exemplo para os que o sucederam: “Suplemento Cultural” e “Cultura”.

Conforme afirma Elizabeth Lorenzotti⁵ (2002):

O *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*, idealizado por Antonio Candido de Mello e Souza e dirigido durante dez anos por Décio de Almeida Prado (1956-1966), viria a ser considerado o modelo de todos os cadernos culturais que o sucederam. Uma publicação independente e autônoma, não-jornalística, mas artística e literária inserida em um jornal, é um desafio ao entendimento do processo histórico do jornalismo brasileiro. Desde 1966 e até o fim, em 1974, a publicação foi editada por Nilo Scalzo. Ingerências conjunturais – o golpe militar de 64 e a ditadura --; profissionais (rivalidades entre críticos e jornalistas da redação), mas especialmente as transformações tecnológicas, a partir dos anos 70, que começaram a revolucionar a forma de se fazer jornal, contribuíram para a morte do Suplemento. Depois, vieram o “Suplemento Cultural”, o suplemento “Cultura” e o “Caderno 2”. Os novos tempos, velozes e imersos no consumo de massas, não comportam uma publicação não-jornalística, apenas a um jornal, com a tradição da crítica reflexiva e formativa. (LORENZOTTI, p. 11)

Revelando o caráter desenvolvimentista e cultural do país, o “Suplemento Literário” viria marcar um balanço daquele momento da vida artística e cultural do Brasil, que nos anos 50 e 60 passava por uma grande transformação tecnológica, com vistas ao crescimento econômico e industrial. Espaço de reflexão crítica, o caderno nasce em 6 de outubro de 1956 das mãos de Antônio Cândido, e passa a ser dirigido por Décio de Almeida Prado até o fim de 1966, formando uma grande vitrine de importantes críticos e jornalistas, a intelectualidade brasileira, tal como Erwin Theodor, Wilson Martins, Ledo Ivo, Gustavo Corção e uma série de outros colaboradores dos diversos setores que compunham o periódico.

Composto por diversas seções, o jornal contava com colaboradores para as letras estrangeiras, resenha bibliográfica, rodapés, poesias, contos, etc., conciliando jornalismo e cultura num tom que ficava entre o erudito e o informativo, sem fugir à objetividade.

Nilo Scalzo, professor e jornalista, sucede Almeida Prado na direção do Suplemento, tendo participação efetiva a partir de 1959, pois desde 1953 já trabalhava para o jornal. Nessa mudança, as repartições continuavam as mesmas, porém seus colaboradores já eram outros. Nessa fase, o jornal passava por muitas crises financeiras e o vigor de suas propostas já eram suplantadas pelas críticas. Por outro lado, estreitavam, em meio a essas críticas, os laços entre jornalismo e literatura, num momento em que a crítica acadêmica aproximava-se desse cenário, muitas vezes meramente informativo, outras vezes opinativo e reflexivo.

Segundo Flora Süssekind⁶, trata-se de um período de transição da crítica de rodapé para uma crítica acadêmica – com a consolidação das primeiras universidades do país. Vale ressaltar que estas críticas são, também, os primeiros estudos sobre Hermann Hesse daquele momento.

Assim, em 22 de dezembro de 1974, o *Suplemento Literário* tomou outros rumos, e Nilo Scalzo permaneceria ainda na direção dos sucessores daquele jornal, sendo que antes do *Suplemento Cultural* e do *Cultura*, também houve o que se chamou de *Suplemento Centenário*, que data de 4 de janeiro de 1975 a 10 de abril de 1976. Esse caderno marcou o término de uma fase e o princípio de outra, sobressaindo críticos da nova linha, como Davi Arrigucci, Carpeaux, Anatol Rosenfeld, dentre outros.

Em 17 de outubro de 1974, já se inauguravam estes dois novos cadernos de literatura e arte, que traziam no seu primeiro número como assinala Lorenzotti⁷ (2002):

O *Suplemento Cultural* não só reata a tradição do *Suplemento Literário*, mas amplia o campo de atuação deste, atendendo ao fato de exigirem as características do mundo atual uma publicação mais abrangente, que não se contenha nos limites da crítica e da criação literária, mas forneça ao leitor informações e comentários sobre artes, ciências humanas, ciências naturais, ciências exatas e tecnologia. (*Suplemento Cultura*, nº 1, 17 out 1976. In. LORENZOTTI, 2002)

É importante lembrar que esses cadernos eram publicados semanalmente, e a investigação percorreu todos esses suplementos na íntegra, sem que, com isso, nenhum texto passaria despercebido. Junto às buscas, realizamos também uma reindexação do material ainda não atualizado - por ocasião de recentes doações, bem como uma catalogação que será cedida ao CEDAP como forma de agradecimento e reconhecimento pelo trabalho realizado por aqueles que lá dedicam parte de seu tempo à pesquisa, ensino e extensão, sempre pensando na preservação no contexto do Patrimônio e de Memória Nacional.

Evidenciando, portanto, os ensaios, artigos, e estudos sobre recepção crítica de Hermann Hesse, apresentar-se-á, a seguir, a descrição de sua presença nestes cadernos, que constitui parte significativa de sua recepção crítica e que poderá fornecer elementos para demonstrarmos a sua influência marcante entre os críticos colaboradores dos cadernos culturais d' *O Estado de S. Paulo*.

Os dados cronologicamente obtidos até o momento presente da pesquisa ora em andamento, relacionam o título e autor do “Suplemento Literário” d' *O Estado de S. Paulo*, a saber:

Automóvel e casa de campo (27 abr 1957), de Anatol Rosenfeld; *Hermann Hesse e o verão* (20 jul 1957), de Sylvia Barbosa Ferraz; *Um narrador surrealista* (31 mai 1958), de Anatol Rosenfeld; *A auto-educação em Hermann Hesse* (21 jun 1958), de Pedro Moacyr Campos; *Hermann Hesse* (3.set.1960), o qual não vem assinado; *Hermann Hesse* (20 out 1962), de Anatol Rosenfeld; *A literatura alemã atual* (14 mar 1964), de Erwin Theodor; *Poemas de Hermann Hesse* (24 mai 1969), de Lavínia Viotti; *Popularidade de Hesse* (4 out 1969), de Anatol Rosenfeld; *As contas de vidro* (14 fev 1970), de Victor da Cunha Rego; *O jogo das contas de vidro* (21 mar 1970), de Anatol Rosenfeld; e *Hesse: a busca da sabedoria* (25 abr 1970) e *Hesse: salvação e história 2* (9 mai 1970), ambos de Alfredo Lage.

Aqui, foi possível observar treze referências sobre Hesse, sendo doze artigos e uma nota, na qual não consta assinatura. Também pudemos perceber que realmente há uma concentração de textos sobre o escritor no período ao qual chamamos anteriormente de contracultura. Ao todo, foram seis colaboradores que abordaram a obra de Hesse no caderno. Anatol Rosenfeld escreve cinco vezes; é o que mais colaborou e o que escrevera a primeira crítica no *Suplemento Literário* desde sua criação por Antonio Candido. Alfredo Lage escreve duas vezes e os demais uma vez somente.

Os artigos de Anatol Rosenfeld foram todos escritos na coluna *Letras Germânicas*, uma seção constante do jornal que se dedicara às críticas a respeito de escritores alemães, sendo tratada pelo crítico ao longo de quase trinta anos (1957 a 1970) de modo estrategicamente didático, enquanto os demais artigos foram publicados no suplemento literário sem estarem ligados a nenhuma página específica. Vale lembrar que, posteriormente, os artigos, da coluna ora citada, foram publicados pela Editora Perspectiva, sob título homônimo, contemplando todos os textos que Rosenfeld escrevera para esse suplemento.

Crítico de teatro e literatura, o intelectual Anatol Rosenfeld nasceu em 1912, na Alemanha, estabelecendo-se no Brasil ao final da década de 30. Sempre abordou a problemática sócio-cultural nacional de modo contundente, contribuindo fundamentalmente para um modo de pensar original ao tratar dos mais variados temas brasileiros.

A associação da vida à obra de Hesse é muitas vezes colocada por esse crítico de forma cuidadosa e meticulosa, marcada de substâncias filosóficas e psicológicas. Assim, ao

mesmo tempo em que divulga a obra do autor, tornava o suplemento, por meio desse discurso, um importante veículo de difusão cultural da obra hesseana no Brasil.

No *Suplemento Cultural d'O Estado de S. Paulo*, que foi pesquisado em seu período de sua circulação, que data de 17 de outubro de 1976 a 01 de Junho de 1980, encontramos cinco referências sobre Hermann Hesse na data de 03 de Julho de 1977, sendo que uma é a capa da primeira edição de *Sob as Rodas*, que traz como título: *Hesse – A aventura do lobo solitário*. A outra referência trata de alguns desenhos e retratos de e sobre o autor, porém nessa página do caderno não consta nenhum título. Também nessa data temos um editorial, de Nilo Scalzo e mais um artigo comemorativo, de Erwin Theodor intitulado *Centenário de Hermann Hesse*. Em 30 de Março de 1980 temos uma capa ilustrativa intitulada *A presença de Hermann Hesse no Brasil* e o artigo *A obra de Hesse no Brasil*, do articulista Christl Brink.

Assim, observamos sete referências sobre Hermann Hesse nesse caderno cultural, sendo que três destas são capas de edições, caricaturas, retratos e ilustrações do autor. Quatro articulistas no *Suplemento Cultural* enriquecem a crítica sobre Hesse, concentrando-se todos os artigos nos anos de 1977 e 1980.

Ainda visando uma melhor visualização do material pesquisado, temos no caderno *Cultura* os artigos: *Hermann Hesse e Thomas Mann* (18 jan 1981), de Erwin Theodor e *A solidão de Hermann Hesse* (5 ago 1984), de Luiz Carlos Lisboa.

Nesse periódico foram encontrados dois artigos de 15 de junho de 1980 até 16 de junho de 1985, sendo que, para além dessa data, suas publicações excederiam o período delimitado da pesquisa. Porém, são referências importantes para composição de um quadro significativo do resgate da fortuna crítica de Hermann Hesse, observando que como houve um aumento das edições da obra hesseana nos anos de 1960/1970, sua crítica ainda ressoava nos anos subseqüentes de sua recepção via leitores.

Portanto, ao todo foram publicados vinte e dois textos críticos nos três cadernos que compõem o objetivo em questão, obedecendo somente os anos em que houve publicações sobre Hesse. Em 1957 houve duas ocorrências a respeito de Hermann Hesse; em 1958 também foram escritos dois textos críticos; em 1960, 1962 e 1964 apenas uma publicação em cada ano apresentado; em 1969 foram duas publicações; em 1970 foram quatro artigos; em 1977 foram cinco artigos; em 1980 foram registrados dois textos; em 1981 e 1984 foi registrado um artigo em cada ano citado.

Observando o total de vinte e dois textos críticos publicados sobre o escritor alemão, em que dezoito são artigos sobre Hesse e sua obra, três são capas e/ou gravuras sobre o autor e uma nota sem assinatura do crítico em questão, notamos que os dados apresentados reiteram a estreita ligação de Hermann Hesse com a crítica brasileira, em determinados momentos da recepção, permitindo-nos comprovar a sua significativa repercussão. Pudemos também notar que a maior parte dessa crítica encontra-se na década de 1970, com nove

ocorrências; seguidas da década de 1960, com cinco, e por fim as de 1950 e 1980 com quatro em cada década.

Conseqüentemente, vale notar que aquele momento da contracultura foi especialmente marcante, abarcando a maior quantidade de crítica entre 1960 e 1977, juntamente com os textos em comemoração ao seu centenário de nascimento, em 1977, com cinco publicações nessas homenagens. Pode-se observar também que, na década de 1950, Hesse já aparecia no cenário cultural paulista e, até meados da década de 1980, ainda repercutia nesse mesmo cenário da crítica do suplemento.

Movidos pelo interesse promocional do texto, todos esses colaboradores, que passavam por uma fase de mudança no cenário da crítica brasileira ao longo dos anos aqui estudados, viriam compor uma nova cena, os quais sem diminuir o prestígio da crítica de jornal, anelavam um aprofundamento intelectual transitando da crítica de rodapé, no início dos anos 50, até uma crítica mais reflexiva, em meados dos anos 70.

Por meio de suas reflexões, Anatol Rosenfeld foi quem mais colaborou com esse tipo de crítica nesses cadernos culturais, dedicando-se mais de dez anos sobre Hesse, trazendo-nos uma melhor compreensão dos aspectos e cultura brasileira e alemã daquele momento. Rosenfeld, junto a outros colaboradores ligados à elite social e intelectual, estabeleceu um novo quadro da crítica brasileira.

Ao tratarem de Hermann Hesse e suas particularidades culturais, que foi altamente influenciado pelos conceitos da psicanálise e as idéias de Freud, inserido numa sociedade germânica que atravessava a dura prova da guerra, tais críticos se mostraram adequados ao modelo vigente: além de abrirem espaço para uma investigação mais profunda, valeram-se de mecanismos próprios da qualidade exigida pelo autor.

Conscientes de que nada se compreende fora da história, esses colaboradores desempenharam nos cadernos d'*O Estado de S. Paulo* um papel fundamental, assegurando-os dentro de um contexto nacional de afirmação e formação intelectual. Ao tratar da literatura hesseana nesse veículo jornalístico, esses críticos foram delineando um perfil de crítica brasileira, dando forma ao seu processo formativo, bem como estabelecendo um contato profícuo da literatura hesseana com o leitor brasileiro.

Do projeto inicial d'*O Suplemento literário*, passando pelo *Suplemento Cultural* e chegando ao *Cultura d'O Estado de S. Paulo*, a relação jornalismo e literatura foi muito profícuo, uma vez que foram mantidos por esses críticos valores universais, por meio de reflexões mais aprofundadas, sem distanciar-se do leitor comum, uma vez que o casamento destas duas instâncias exige um trato mais cuidadoso e vertical, tratando a arte como instância eterna, por meio de um veículo efêmero e muitas vezes meramente informativo, como é o jornal.

A literatura hesseana, junto à sua crítica, ao se contrapor à brevidade da vida trouxe aos seus leitores por meio desses cadernos culturais o direito não só ao conhecimento informativo e reflexivo, mas também o direito à literatura e a vida na sua longevidade, num momento em que o tempo necessário para a reflexão, a imaginação e a subjetividade é subvertido pela velocidade, a fugacidade e a objetividade.

As palavras de Antônio Cândido (1995), em seu respeitado texto sobre o “direito à literatura”, resumem bem o perfil/papel da crítica junto à recepção de Hermann Hesse nos Cadernos Culturais, bem como do estilo humanista da obra hesseana:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.⁴

A partir dos estudos aqui apontados, pudemos perceber, de um modo geral, que o levantamento dos artigos, ensaios, estudos e outras referências sobre Hermann Hesse constituem uma parte significativa de sua receptividade, ressaltando a presença determinante da crítica para a recepção do autor em questão. Tal estudo pode fornecer algumas indicações para tentarmos compreender a grande afinidade e acolhida do escritor pelos leitores brasileiros e o motivo desse prestígio, bem como abrir novas possibilidades e um rápido acesso para um estudo mais aprofundado sobre o material aqui investigado e considerado muitas vezes de difícil acesso para outros pesquisadores, uma vez que o campo sobre a documentação bibliográfica no Brasil ainda é pouco estudado e considerado pouco usual.

Notas

¹ O presente artigo é parte constitutiva da pesquisa de mestrado, ora em andamento, intitulada “A Recepção Crítica de Hermann no Brasil”, de João Paulo Francisco de Souza, financiada com bolsa de pesquisa Capes, sob orientação do Dr. Álvaro Santos Simões Junior, docente do Departamento de Literatura – FCL – Unesp/Assis.

² BOESCH, B. *História da Literatura Alemã*. São Paulo: Editora Herder, 1967.

³ MARTINI, Fritz. *O Naturalismo*. In. *Historia da Literatura Alemã: Do Romantismo a Actualidade*. s/l: Estúdios Cor, 1974.

⁴ LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. *Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um Suplemento - Suplemento literário de O Estado de S. Paulo (1956 a 1974)*. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

⁵ SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

⁶ Suplemento Cultural, nº 1, 17 out 1976. In. LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. *Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um Suplemento - Suplemento literário de O Estado de S. Paulo (1956 a 1974)*. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, p. 78.

⁷ CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.